

A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Tays Angélica Rezende (UFJF)
trezende85@hotmail.com

1. Introdução

Hoje, sabe-se muito mais sobre as relações entre oralidade e escrita do que há algumas décadas. Porém, pode-se perceber que tal estudo não se encontra bem propagado e nem está relacionado com a prática.

Este artigo tem como objetivo analisar as marcas da oralidade presentes em produções textuais escritas por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, do Colégio de Aplicação João XXIII, da cidade de Juiz de Fora, contribuindo assim para um melhor conhecimento dos usos da língua.

Para que esse trabalho se concretizasse, acompanhou-se a rotina de dois professores de Língua Portuguesa durante um ano letivo. Dessa forma, foram coletadas cerca de sessenta produções textuais realizadas pelos alunos; e esse material é a base do nosso estudo.

O propósito é observar quais características de oralidade são mais empregadas no texto escrito desses alunos e a partir dessas observações, pretende-se refletir a importância do professor de língua portuguesa trabalhar com atividades relacionadas à língua oral e a escrita. Assim, nos abarcaremos das visões de Luiz Antônio Marcuschi (2008), Eric Havelock (1976), Harvey Graff (1995), Jânia Ramos (1997) sobre oralidade, escrita e linguagem.

Além disso, realiza-se uma revisão literária dos PCNs de língua portuguesa de 2ª a 4ª série com o objetivo de analisar o seu parecer em relação ao trabalho em foco.

Enfim, procuraremos estabelecer relações entre os estudos feitos por esses autores em relação à oralidade e à escrita com o que observamos em sala de aula e a partir daí corroborar ou não com a bibliografia.

2. *Fundamentação teórica*

Segundo Marcuschi (2008), o moderno *homo sapiens* tem cerca de um milhão de anos e a escrita surgiu há apenas 5.000 anos, exceto no Ocidente em que começou a ser usada cerca de 2.500 anos atrás.

Para Eric Havelock (1976), a tardia entrada da escrita na humanidade e sua repentina valorização podem ser explicadas como um fato biológico-histórico, pois o *homo sapiens* emprega o discurso oral para se comunicar. Esse uso verbal foi conseguido ao longo de um milhão de anos por processos de seleção natural. O costume de usar “símbolos linguísticos” para representar a fala é um dispositivo que existe há pouco tempo.

Os estudos de Michael Tomasello (1976), antropólogo evolucionista, corrobora a afirmação de Eric Havelock. Tomasello, ao partir da discussão Darwiniana para contestar a evolução, descobriu que os 6 milhões de anos que separam os seres humanos de outros macacos é um tempo muito curto do ponto de vista da evolução, ou seja, não houve tempo suficiente para que os processos de evolução biológica criassem habilidades cognitivas tais como nossa complexa forma de comunicação. Pesquisas atuais revelam que apenas nos últimos 2 milhões de anos a linhagem humana deixou de apresentar apenas habilidades cognitivas típicas de grandes macacos, e os primeiros sinais contundentes de habilidades cognitivas únicas da espécie surgiram apenas nos últimos 200 mil anos com o *Homo sapiens*.

Para Tomasello, o único mecanismo biológico que poderia ocasionar esse tipo de mudança é a “*transmissão social ou cultural*”. Os seres humanos têm modos de transmissão cultural únicos da espécie, seus artefatos culturais e tradições se acumulam ao longo do tempo de uma maneira que não ocorre nas outras espécies.

Refletindo sobre essas observações, enquanto os *homo sapiens* surgiram há cerca de dois milhões de anos, a escrita surgiu há pouco mais de cinco mil anos. O fato é que a fala não perdeu seu lugar para a escrita, como afirma Graff (1995):

A despeito das décadas nas quais os estudiosos vêm proclamando uma queda na difusão da cultura oral ‘tradicional’, a partir do advento da imprensa tipográfica móvel, continua igualmente possível e significa-

tivo situar o poder persistente de modos orais de comunicação. (GRAFF, 1995, p. 37)

De acordo com Marcuschi (2008) “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos.” (MARCUSCHI, 2008, p. 17). Ramos (1997), toma a mesma concepção de Marcuschi ao afirmar que, “a correlação entre fala e a escrita está num *continuum* das práticas sociais.” (Ramos, 2007 p. 16). Para esses dois autores, a língua falada e a escrita não estão divididas e sim interligadas.

3. Metodologia

A partir das ideias apresentadas anteriormente, pretende-se, em um primeiro momento, destacar algumas marcas de oralidade mais freqüentes nas produções textuais escritas pelos alunos do 3º ano do Colégio de Aplicação João XXIII.

Observamos que as dificuldades encontradas por esses estudantes foram: repetição de palavras, ausência de pontuação, marcadores conversacionais e erros ortográficos relacionados à fala.

Em relação à repetição de palavras, analisou-se casos como:

1. (...) Então depois de noite e noite *o fazendeiro* percebeu que um novillo não estava lá. *O fazendeiro* foi na casa grande *o fazendeiro* desceu do cavalo e pegou o chicote e deu uma surra de chicote no *negrinho* do pastoreio *o negrinho* levantou (...)
2. (...) o patrão pediu *ele* cuidar dos novillos dele *ele* saiu com os *novillos* e *ele* deixou o *novillo* e perdeu um *novillo*(...)

Observou-se que essa repetição corresponde a uma estratégia conversacional de manutenção de uma seqüência narrativa. Pode-se perceber que os trechos apresentados demonstram desconhecimento dos recursos disponíveis na língua para se evitar a repetição e manter a coesão textual. No entanto, deve-se lembrar que o corpus do trabalho desenvolvido aqui deriva-se de crianças que acabaram de ser alfabetizadas e não aprenderam, ainda, recursos gramaticais para se adequarem à norma culta padrão.

No entanto, houve exceções. Notamos em alguns dos textos analisados, alunos que se mostraram conhecedores da norma culta padrão.

1. (...) Numa fazenda muito grande morava um *fazendeiro* com sua mulher. *Ele* criava escravos que procuravam fazer tudo direitinho para não apanhar do *patrão*. (...)
2. (...) seu patrão não entendeu e *lhe* deu um castigo de amarrá-lo pelos pés e jogá-lo em formigueiro.

No primeiro exemplo, o estudante usou o pronome pessoal “ele” para estabelecer uma relação com “fazendeiro” que aparece anteriormente; e usou a palavra “patrão” para se referir também a “fazendeiro”, evitando a repetição.

No segundo exemplo, o aluno usou os pronomes oblíquos “lo” e “lhe” para se referir ao Negrinho do Pastoreio.

Outra ocorrência marcante nos textos é a ausência de pontuação. Essa falha é um reflexo da fala, pois está relacionada com os marcadores conversacionais, como mostra o exemplo abaixo:

1. Num dia uma fasenda que tinha um fasendeiro muito mauvado que tinha muitos escravos um cafesau uma família e tinha que ter um escravo para cuidar do godo e ele chamou o negrinho e o novilho fugiu e o negrinho foi achar o novilho e a corda estava podre e foi apanhar e foi levado (...)

O emprego de marcadores conversacionais, elementos típicos da fala, pode exercer funções diferenciadas de acordo com a situação em que se configuram. No fragmento acima, a falta de domínio das estratégias discursivas de segmentação e coesão textual, faz com que os alunos empreguem a conjunção “e”, que acaba se configurando como um marcador conversacional de continuidade discursiva.

Nos exemplos abaixo, o recurso utilizado para estabelecer a coesão textual é o emprego dos marcadores “então” e “aí”. O uso desse recurso advém da intenção de promover a organização do texto, evidenciando a continuidade dos fatos:

1. (...) o fazendeiro tinha muitos escravos mas precisava de mais um *então* ele se lembrou que tinha um negrinho na casa grande *então* o fazendeiro chamou ele lá e ordenou-o levar os novilhos *então* o negrinho (...)
2. Teve um dia que uns dos seus escravos avia sumido *aí* o fazendeiro chamou o Negrinho do Pastoreio para substituílo *aí* o fazendeiro falou assim para o Negrinho:

– Vai pegar o novilho?

Aí o Negrinho foi precuralo.”

Foram observados, ainda, “erros” de ortografia. Percebe-se que tais “erros” ocorrem pelo fato de que o aluno escreve de uma maneira muito próxima da forma como se fala. Dessa maneira, pode-se dizer que existe uma escrita “quase fonética”, pois trata-se da representação exata do som que se ouve, transcrevendo-o.

1. Ele foi *proucurar* o novilho.
2. (...) e jogou o negrinho no *furmigueiro*.
3. (...) e *amarro* os pés dele.
4. (...) o negrinho *sobir* para o céu.
5. (...) ele não *quiria* tirar
6. (...) e o negrinho foi *procura* (...) e *falo*
7. Em vez dele *i* para a fazenda.
8. (...) o corpo do negrinho foi *subino* até não (...)
9. (...) o negrinho *pidiu* para (...)
10. (...) *aí* ela *rebetou* (...)

Nos textos também foram encontrados a troca de fonemas surdos por fonemas sonoros e vice-versa, geralmente no mesmo ponto de articulação do aparelho fonador.

● p / b (labiais surda/sonora)

1. (...) o fazendeiro deu uma surra no negrinho e jogou o *corbo* de negrinho (...)
2. (...) e construiu uma *cabela* que era o sonho da mulher.

● t / d (labio dentais surda/sonora)

1. (...) O fazendeiro *mantou* o negrinho seguir(...)”
2. (...) O Negrinho do Pastoreiro *condou* tudo para o patrão (...)”

● c / g (gutural surda/sonora)

1. (...) e foi *progura* o novilho (...)”

2. (...) o fasendero volto para ve o *gastigo* (...)”

• f / v (fricativas surda/sonora)

1. Você vai pagar por tudo que você *vez*.”
2. Era uma *fez* (...)”

Diante disso, sugere-se que o professor realize atividades para que o aluno perceba a distinção existente entre os textos que são tipicamente escritos, os que são falados e ainda, aqueles que se configuram por meio de características de ambos.

Para que um professor possa trabalhar em sala de aula atividades que tenham por objetivo a distinção entre oralidade e escrita, abarcaremos agora, os conceitos propostos para oralidade e escrita segundo Marcuschi (1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa de 2^a a 4^a série.

De acordo com Marcuschi (2008), a oralidade equivale a uma prática social “[...]i nterativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso .” (MARCUSCHI, 1998, p. 25). Os textos escritos seriam “[...] um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictória e outros.” (MARCUSCHI, 1998, p. 26). Ou seja, conforme Marcuschi, a diferença que há entre fala e escrita são os “aspectos formais, estruturais e semiológicos”, ou seja, o modo como representamos a língua através de códigos (sonoro e gráfico).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa propõem que a escola deve eleger em seu conteúdo escolar a Língua Oral e a Língua Escrita. O estudo da Língua Oral deve garantir que as atividades em sala de aula envolvam fala, escuta e reflexão sobre a língua, tais como:

atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. Para isso, é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de ativi-

dade que demandam — fala, escuta e/ou reflexão sobre a língua. (PCNs, 1998, p. 38/39).

De acordo com os Parâmetros Curriculares, a Língua Escrita está fortemente ligada à leitura, pois são práticas complementares que se modificam mutuamente, isto é, “[...]a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos).” (PCNs, 1998, p. 35).

Dentre os conceitos de Língua Escrita, os dois sub-blocos, leitura e escrita, são divididos entre Prática de Leitura e Prática em Produção de Texto. Segundo os PCNs, “[...] o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita; que não se aprende a ortografia antes de se compreender o sistema alfabético de escrita; e a escrita não é o espelho da fala.” (PCNs, 1998, p. 48)

Contudo, quando comparamos o que foi afirmado pelos PCNs, de que “[...] a escrita não é o espelho da fala” (PCNs, 1998, p. 48), com o que foi observado em nossa análise, notamos uma similaridade muito grande entre fala e escrita. Isto é, alguns traços da oralidade, tais como, repetição de palavras, marcadores conversacionais e erros ortográficos relacionados à fala são muito marcantes na escrita da criança. Essa similaridade ocorre devido ao momento, já que a diferenciação entre as estruturas da modalidade oral e da escrita está sendo construída. Portanto, o professor deverá propor atividades em que se trabalhe as diferenças entre linguagem oral e linguagem escrita.

4. Considerações finais

Oralidade e escrita são práticas sociais próprias da interação entre os seres humanos, e que, por isso mesmo, têm mais similaridades do que diferenças. Cada uma dessas modalidades lingüísticas possui características que as particularizam. A distinção ocorre principalmente no modo como são organizados seus elementos estruturais e as semelhanças tornam-se evidentes quando os resultados de cada modalidade são dispostos num *continuum* tipológico.

Diante disso, “Como se pode ensinar [e aprender] uma língua sem conhecer sua estrutura e o seu funcionamento, bem como os mecanismos que permitem a sua aquisição?” (ROULET (1978 p. 75). Fortalecendo o questionamento de Roulet, os professores de língua portuguesa deveriam dispor atividades em que o aluno perceba que existem textos que são tipicamente escritos, aqueles que são tipicamente falados e outros que se configuram por meio da utilização de características de escrita e de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de primeira à quarta série. Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental Brasília, 1997.

HAVELOCK. Eric. *Originis of Western literacy*. Toronto: Ontario Institute for Studies Education, 1976.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMOS. Jania M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.